A poeta Deborah Brennand: uma breve apresentação

The poet Deborah Brennand: a brief presentation

La poeta Deborah Brennand: una breve presentación

Ricardo Japiassu[1]

"Para Platão, não só era necessário
que o poeta estivesse possuído por
um deus para estar em disposição de
criar, como precisava perder a razão".
Antonio Brasileiro

Resumo

Japiassu, R. A Poeta Deborah Brennand: uma breve apresentação. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 385-402, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2813

Neste artigo, apresento a poesia de Deborah Brennand, pernambucana que, em sua obra, discorre sobretudo sobre questões que envolvem a perda do homem amado, das paixões irreparáveis e infindas. Para tal, ela recorre às figuras de linguagem e a metáforas em que se serve dos elementos da natureza, tais como plantas, animais, pedras e a claridade, tanto assim que um de seus livros tem como título *Claridade.* Vale salientar que a produção da autora começou a ser publicada na segunda metade do século passado e perdurou até a primeira década do nosso século. Assim, percorro toda a literatura produzida por ela, oito livros de poesia ao todo, excetuando o seu livro em prosa poética intitulado *Tantas e tantas cartas*. Obedecendo ao estilo da poesia moderna, ela compôs versos livres, sem rimas, por exemplo. O presente texto é fruto de muitos anos de leitura e análise de sua produção, com entrevistas, conversas e algumas visitas à escritora. Contribuo, assim, com a fortuna crítica de Deborah Brennand, mulher de alta distinção. Todos os livros apresentados na bibliografia foram consultados e utilizados para embasar o presente texto.

Palavras-chave: Poesia pernambucana; Mulheres escritoras; Literatura brasileira; Geração de 65; Panteísmo.

Abstract

Japiassu, R. The poet Deborah Brennand: a brief presentation. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 385-402, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2813

In this article, I present the poetry of Deborah Brennand, natural of the state of Pernambuco, whom, in her work, mainly talks about questions involving the lost of a beloved man, the non-repaired and endless passions. This happens when she resorts to figures of speech and metaphors in which she mentions elements of nature, such as plants, animals, stones and clarity - one of her books is, indeed, called *Clarity*. It is important to highlight that the author begins to publish her work in the second half of last century and continued till the first decade of our century. Thus, I visit the work produced by her, that is to say, eight books of poetry in all, except for her book in written in poetic prose entitled *So many letters*. Obeying the style of modern poetry, she makes free verses, without markings such as rhymes, for example. This text is the result of many years of reading and analysis of her production, with interviews,

[1] Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: japiassuricardo@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4553-3228

conversations and some visits to the writer. Thus, I contribute to Deborah's critical fortune, a woman of high distinction. All books presented in the bibliography were consulted as the basis of this text.
Keywords: Pernambuco poetry; Woman writers; Brazilian literature; 1965 generation; Pantheism.

Resumen

Japiassu, R. La poeta Deborah Brennand: una breve presentación. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 385-402, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2813

En este artículo, presento la poesía de Deborah Brennand, de Pernambuco, quien, en su trabajo, sobre todo, discute temas relacionados con la pérdida del hombre amado, las pasiones irreparables e interminables. Esto sucede recurriendo a figuras retóricas y metáforas en las que utiliza los elementos de la naturaleza, tales como plantas, animales, piedras y claridad, tanto es así que uno de sus libros lleva ese mismo título, *Claridad*. Vale la pena señalar que su producción comienza a ser publicada en la segunda mitad del siglo pasado y dura hasta la primera década del nuestro siglo. Por lo tanto, repaso toda la literatura producida por ella, es decir, ocho libros de poesía en general, excepto por su libro en prosa poética, *Tantas y tantas cartas*. Obedeciendo al estilo de la poesía moderna, hace versos libres, sin marcas como rimas, por ejemplo. Este texto es el resultado de muchos años de lectura y análisis de su producción, con entrevistas, conversaciones y algunas visitas al poeta. Por lo tanto, contribuyo a la fortuna crítica de Deborah Brennand, una mujer de alta distinción. Todos los libros presentados en la bibliografía fueron consultados como base del presente texto.
Palabras clave: Poesía de Pernambuco; Mujeres escritoras; Literatura brasileña; Generación del 65; Panteísmo.

Data de submissão: 26/03/2026
Data de aceite: 16/04/2026

1. Introdução

Percorrer as veredas iluminadas pela poesia profunda, marcadamente passional e cheia de luz de Deborah Brennand é o mesmo que trilhar um caminho de claridade por entre as matas, com seus javalis, leões barrocos dos jardins, a conversa com os vultos do passado e, principalmente, dialogar com a perda do homem amado, num mundo marcado pela exaltação de sentidos que somente as paixões promovem. Até mesmo o mestre Ariano Suassuna, no prefácio ao segundo livro da poetisa, *Noites de sol ou As viagens do sonho* (1966), prefácio intitulado "Deborah Brennand ou O jardim e a serpente", datado de 1964, portanto dois anos antes de sua publicação, curva-se ao estado selvagem em que se encontrava a poetisa. Inicio a apresentação da literata por esse livro, que considero o mais intenso de toda a sua produção. O primeiro livro de Deborah, *O punhal tingido ou O livro das horas de Dona Rosa de Aragão* (1965), foi prefaciado pelo crítico literário Roberto Alvim Corrêa e também foi publicado pela Editora Jornal do Comércio, do Recife.

Em minhas buscas para escrever este artigo, encontrei o documentário *A poesia de Deborah Brennand*, realizado pela sua neta, a cineasta Deby Brennand. No filme, a poetisa explica que o poeta possui um olhar dilatado, observando o que os cidadãos comuns não conseguem enxergar e, sobretudo, percebendo a intensidade de cada coisa. Ela argumenta que, em tenra idade, já observava a claridade da natureza, vista a partir de um alpendre. Nascida no Engenho Lagoa do Ramo, município de Nazaré da Mata, ainda na infância estava imersa na vida do campo. Depois, já casada com o artista plástico Francisco Brennand, passou a viver às margens do rio Capibaribe, no Engenho São Francisco, convivendo com pessoas simples. Nesse momento, ela se dedicou também à produção de poemas.

Ariano Suassuna conceitua:

> A poesia de Deborah Brennand é profundamente feminina, o que significa que é, ao mesmo tempo, suave e selvagem, possuindo uma estranha e íntima ligação com a corrente subterrânea da vida". (1964, p. 7)
> [...]
> Aliás, já em seu primeiro livro, *O punhal tingido*, víamos passar diante de nossos olhos esse mundo povoado, como nos contos populares, de guerreiros, de caçadas, de santos crivados de flechas e feridas resplandecentes, de guerreiros malditos, de frutos, pássaros, pastagens, princesas e reis que penteiam longas cabeleiras, de metais e de pedras preciosas" (1964, p. 9).

Vejamos como isso acontece na poesia. Já na dedicatória do segundo livro, *Noites de sol ou As viagens do sonho*, por exemplo, ela escreve: "Para Francisco – sangue mestiço de verde irlandês, ramos de sol e papoulas selvagens". Na juventude, quando o conheceu, o esposo, Francisco Brennand, tinha cabelos louros, pele clara, era descendente de escoceses. No poema "O segredo", mais precisamente, ela canta:

> *Ó gentis e cruéis senhoras!*
> *Quantas cabeças rolam entre as folhas?*
> *Quantos cavalos renegam os seus príncipes,*
> *Feridos neste verde bosque de exílio?*
>
> *Desfazendo o ouro de longos cabelos,*
> *Esvoaçam negros pássaros, loucos crimes.*
> *E, das cobertas veludosas de um leito,*
> *Ó gentis e cruéis rainhas! Segredo.*
>
> *Uma descendente espúria foi jogada às ervas.*

(1966, p. 48)

A mesma temática é retomada – ou nunca esquecida - no livro *Maçãs negras*, lançado em 2001, quase trinta anos após a publicação do poema "O segredo". Portanto, mediante leitura acurada, presumo que os segredos de um longo enlace perduraram por anos a fio, até a morte. Há de se ressaltar, antes da leitura do poema "Quem é ele", a evolução do fazer poético da autora. Agora, há menos recorrência às figuras de linguagem, às metáforas, embora se perceba a incursão ao colorido da natureza, marca constante em tudo o que fez, observando todo o esplendor da criação. Nessa obra, prepondera a feitura de uma poesia bem mais madura e refinada do ponto de vista estético. Ela narra:

Caminhando a esmo
num sítio de mortos verdes
sem ver o húmus servil
cobrir de leve a terra
Com flores secas.
Não, ele não bebeu
aquele vinho negro
nem foi ontem à festa
com uma certa moça
de tão louros cabelos!
Mas vacilando passos
adiante ou atrás,
esmagando bredos,
indo além da cerca
onde nada se vê,
quem foi ele?
(2001, p. 39)

Em uma das visitas ao apartamento de Deborah Brennand, no ano de 2006, fui acompanhado pela poetisa e contista Paula Berinson. Na ocasião, Deborah afirmou que havia escolhido o título do livro *Maçãs negras* baseada numa sugestão minha e da fotógrafa Renata Vaz. Após o encontro de 2006, Paula Berinson redigiu o poema "Gênese no novo paraíso", publicada no seu livro *Para sempre azuis são os olhos de meu avô* (2010). Revela o poema, num congraçamento de artistas:

Minha alma madura
Maçã negra

Que pende do galho
Que se eleva
E não apodrece

Minha alma doce
Pomo de ouro
Para quem saboreia
Sementes azuladas
Riscando a terra
(2010, p. 95)

Recorro à teoria crítica e analítica apresentada por Leyla Perrone-Moisés, no seu *Texto, crítica, escritura* (2005, p.30) quando pontua: "O estilo é uma herança do passado individual do escritor, uma linguagem autárquica, um conjunto de automatismos artísticos que nascem da mitologia pessoal e secreta do autor". E ela continua opinando que a escritura é a relação que o escritor mantém com a sociedade, de onde sua obra sai e para a qual se destina, a reflexão do escritor sobre o uso social de sua forma e a escolha que ele assim assume. Para finalizar a contribuição que a autora concede à crítica literária temos:

> A escritura é uma realidade ambígua: por um lado, ela nasce incontestavelmente de uma confrontação do escritor com a sociedade; por outro, ela remete o escritor, por uma espécie de transferência trágica, às fontes instrumentais de sua criação. Não podendo fornecer-lhe uma linguagem livremente consumida, a história lhe propõe exigência de uma linguagem livremente produzida". (2005, p. 31)
> [...]
> A escritura é precisamente esse compromisso entre uma liberdade e uma lembrança, ela é essa liberdade rememorante que só é liberdade no gesto da escolha. (2005, p. 31)
> [...]
> A escritura está igualmente amarrada a dois objetivos aparentemente contraditórios: dizer a história (voltar-se para o mundo) e dizer a literatura (voltar-se para ela mesma) (2005, p. 31).

2. Alumbramento

Entramos em um dos aspectos - de observação da natureza – mais recorrentes em toda a obra da poetisa. Em entrevista, no ano de 2001, contou-me uma de suas lembranças da primeira infância, ao vislumbrar o campo iluminado pela claridade do sol ou as sombras impostas por nuvens e árvores. Em *Noites de sol ou As viagens do sonho*,

há o prenúncio de muito do que viria em termos de publicação de Deborah, tal como os livros *Pomar de sombras* (1995), *Claridade* (1996) e *Claro escuro* (2008). Em *Noites de sol ou As viagens do sonho* (1966), essa característica peculiar acontece por duas vezes. No primeiro momento, no poema "Ele".

> *Primeiro estendeu os seus tentáculos de ouro*
> *Como um polvo luminoso sobre as águas.*
> *Depois, cresceu as pétalas de sua luz ardente:*
> *Era, no azul, uma rosa de fogo.*
> *Enfim, cruzou de nuvens um caminho encantado,*
> *Deixando em minha vida a claridade assassinada.*
> (1966, p. 76)

No mesmo livro, ela publica o poema "Meu veleiro":

> *Este navio que espero, olhando os outros.*
> *As velas escuras não consigo divisar.*
> *Desliza nas águas, um cisne de ouro,*
> *Suas penas ardentes de luz. Ó claridade!*
>
> *Onde está o verde profundo, encandeado?*
> *E as pedras criminosas de um antigo encanto?*
> *Meu veleiro, meu veleiro negro!*
> *Por que tardam, no horizonte, a tua quilha,*
> *A tua bandeira de sombra a esvoaçar?*
> (1966, p. 115)

De tão forte, esta figura de linguagem tornou-se o título de uma de suas obras, em que se denota a presença da dualidade claro-escuro na obra de Deborah. No ano anterior, 1995, ela havia lançado *O pomar de sombras*; no ano seguinte*, Claridade*. Em *Claridade*, ela personifica esta figura retórica, como a dar-lhe vida humana. A luz como que campeia sobre a grama, a exuberância das matas da várzea do Capibaribe, sendo esta uma tônica por mim apresentada no artigo que redigi sobre a autora, intitulado "Deborah Brennand – O princípio*"*, publicado no *Suplemento Cultural* do *Diário Oficial do Estado de Pernambuco* no ano de 2005. O poema que intitula o livro, *Claridade*, diz:

> *Afortunados são os bosques*
> *onde sem bridas*
> *a luz campeia*
> *entre as folhagens*

suas crinas douradas.
Tão leve se lustra a água
na medida exata
que os rebanhos bebem
junto às raposas
sem temor selvagem.
Por que só a mim discrimina a claridade?
(1996, p. 5)

O mesmo esplendor é vivido pelo poeta recifense Manuel Bandeira, um fenômeno caracterizado como "alumbramento". Nada mais nada menos que um momento de epifania, ou seja, súbito e intenso despertar dos sentidos, exaltação da alma mediante a visão - uma imagem ou apenas lembranças -, reveladora de sentidos profundos, na maior parte das vezes transcendental. Conecta, portanto, o ordinário e o sublime, a tenra infância e o presente real; o visível e a imaginação, qual um "porto de luz", preenchendo o mundo e a existência de significados. Ou seja, o alumbramento, em Manuel Bandeira e Deborah Brennand, é a experiência poética da luz repentina iluminando a Terra, reveladora de beleza e mistério, povoando os sentidos humanos, a memória transformando, portanto, o instante em algo eterno e, mais que isso, profundo.

3. Abril

Outro tema recorrente em Deborah é o mês de abril. Leitora da literatura inglesa e da norte-americana, sobretudo T. S. Eliot, este poeta circulando entre as duas literaturas - principalmente nos anos em que maturou o próprio fazer poético -, a escritora dialoga com a cultura mundial. Fica clara a influência que a literatura moderna, estrangeira, sobretudo a praticada nos anos 1960/1970, exerceu sobre ela, refletindo claramente a escolha dos seus temas. É o caso do poema "Abril", que se encontra no livro *Claridade* (1996), em que ela diz:

Quem me dera voltar
Ao primeiro jardim!
Conduzida por leões
mansos leões em volta
indo e vindo sem as patas
esmagarem as madressilvas.

Depois,

da árvore que não existe,
ficar alheia. Esquecida,

até as estrelas surgirem
tal um enxame de abelhas
douradas, picando a sombra.
(1996, p. 26)

Mediante a leitura do crítico de arte norte-americano Clement Greenberg e o aporte teórico que consultamos em seu *Estética doméstica* (2013), encontramos um diálogo com a cultura mundial. A mesma coisa fez Deborah Brennand, como se estivesse atrelada, sintonizada ao que se passava no mundo dos literatos. Por exemplo, um fragmento de um poema elaborado pelo poeta inglês William Watson (2013), publicado no livro *Home book of questions*, organizado pelo literato Stevenson, encontra-se em *Estética doméstica*:

Abril, abril,
Ri teu riso juvenil,
Agora, e, no momento seguinte,
Verte teu pranto juvenil!
(2013, p. 71)

Outros versos que Clement Greenberg apresenta são do poeta norte-americano T.S. Eliot, colhidos no livro *A terra devastada*, também contido na obra *Estética doméstica*. Eis os versos de uma estrofe:

Abril é o mês mais cruel, gerando
Lilases na terra morta, misturando
Lembrança e desejo, instando
Raízes inertes com chuva primaveril.
(2013, p. 72)

Vale ressaltar que ambas as estrofes foram traduzidas por Alípio Corrêa, e publicadas no livro *Estética doméstica*. Antes de retomar o pensamento de Clement Greenberg, visito as ideias do teórico e professor da Universidade de São Paulo, Carlos Felipe Moisés, contidas no livro *Poesia & utopia – Sobre a função social da poesia e do poeta* (2007, p. 93). Carlos Felipe Moisés opina, partindo, por sua vez, da leitura embebida em Jean-Paul Sartre no seu *Que é a literatura* (2019, p. 90): “A leitura é um pacto de generosidade entre o autor e o leitor; cada um confia no outro, conta com o

outro, exige do outro tanto quanto exige de si mesmo". Deborah me confirmou que havia lido muito a literatura norte-americana, a que mais gostava, assim como apreciava os críticos literários dessa nacionalidade. Assim sendo, reconhecemos influências no processo criativo da pernambucana, como dissemos anteriormente.

Retomamos Clement Greenberg quando afirma:

> O juízo estético – a intuição estética – nos põe em contato íntimo com [o autor] e nós mesmos. Sob esse aspecto, pouco importa que ele se faça presente em um teatro, uma sala de concerto ou uma galeria de arte lotada [...]. É ainda a você que cabe exprimir o juízo – ter a intuição – por sua conta. (2023, p. 80)

Ele acrescenta:

> Um juízo estético pode ser alterado ou confirmado, apenas por meio do contato renovado com a obra de arte em questão, e não através da reflexão nem sob a pressão do argumento. (2023, p. 81)

Vejamos o que mais ele diz:

> Em resumo: a experiência estética requer, por sua amplitude e intensidade, que você se torne um receptor distanciado e, portanto, objetivo, cada vez mais objetivo. [...] O transmissor – o artista, o escritor, o compositor, o ator, ou cantor – deve também objetivar a si próprio, ainda que por via indireta (2023, p. 84).

E com o poema *Fina e branca*, contido no último livro de Deborah Brennand, *Claro escuro* (2008), concluo este bloco. Nele se lê:

> *sobre a porcelana*
> *ainda se via*
> *a mancha escura*
> *de uvas esquecidas.*
> *ENTÃO*
> *lembrei-me*
> *do que nunca foi dito*
> *sobre aquele Sol*
> *desdourado*
> *taciturno e infeliz*
> *que só uma vez surgiu*

quando
Abril comovido
Anunciou sua partida.
(2008, p. 80)

4. Vultos do passado

Numa conversa com o artista plástico Francisco Brennand, em seu ateliê na Várzea, antigo Engenho São João, em janeiro de 1995, ele revelou que Deborah, de tão sensível, costumava ver vultos do passado, como o de Dona Catarina de Vasconcelos – isso longe de seguir a doutrina espírita. Filha do restaurador Fernandes Vieira, a personagem veio da Paraíba radicar-se no Engenho São Francisco para estar mais próxima do pai, quando da guerra contra os holandeses. A mesma informação foi confirmada pela neta de Deborah, Deby Brennand. Já no seu primeiro livro, *O punhal tingido ou o livro das horas de Dona Rosa de Aragão* (1965), encontramos a primeira manifestação dessa sensibilidade quando lemos o poema *Engenho São Francisco*. Arredia, após a conversa com o seu esposo, ela mesma me confirmou a informação. Deborah canta:

Tu, que desces na escada, impressentida,
Senhora nas sombras a vigiar,
Com frios dedos de séculos passados...
Dona Catarina, onde esqueceste os sonhos?
Entre árvores? Na varanda? Em que lugar?

Mudei paredes, nasceu um jardim.
A relva cobiça as pedras esquecidas.
Mas, o tesouro? Fugiu no ar a história;
Dona Catarina, não me persigas!

Leões de barro, enfurecidos,
Misteriosos, deitam-se nos muros,
Escondendo em patas, no lodo antigo,
O tempo verde, testemunha inconfessado.

Onde está o sangue? A flor do rubi?
O punhal tingido, nos verões dormindo?
Dona Catarina, sejamos amigas!
Fiel camareira, saberei calar,
Sonhar o teu sonho,
E as dívidas cruéis da vida apagar.
(1965, p. 70)

E, no seu segundo livro, *Noites de sol ou as viagens do sonho*, encontramos o poema "Novamente", em que Deborah narra o encontro com um guerreiro holandês que,

ferido no campo de batalha, busca socorro no Engenho São Francisco. Desta feita, indaguei à poetisa: "Não seria um caso de paixão entre o guerreiro e Dona Catarina de Vasconcelos?", pois buscar abrigo em território inimigo é muita ousadia, ou mesmo muita certeza do socorro. No poema seguinte, Deborah confirma a minha indagação. Esta mesma indagação eu fiz quando escrevi o artigo "Deborah Brennand – O princípio", publicado pelo *Suplemento Cultural, do Diário Oficial do Estado de Pernambuco*. Eis o poema:

Ele chegou, e, em plena luz do sol,
Na varanda de sonhos, retirou
A camisa sangrenta de antigas conquistas.
Um gemido, então, se desmanchou na brisa.

Os pássaros, assombrados na ramagem,
Bateram em fuga as asas do tempo,
E, de um rubro peito, o temor, aninhado,
Esvoaçou, liberto em doido verão.

Mas, de repente, onde estava?
Em velhos caules, enrodilhadas folhas
De ouro, ferrugem e mofo renasciam,
Escondendo em susto um coração ferido.

E, volvendo a face pálida do antigo,
Desculpou-se a sombra do guerreiro.
- Perdão, senhora, se mancho de sangue
O chão frio e lustroso de vossa casa.

Mas bem me lembro que ela, flor, sombria,
Triste, como vós agora, não fugiu de mim,
Aliviando a chaga deste vencido
Com a claridade de seus dedos anelados.
(1966, p. 28)

5. Imagens pastoris

Dentro da produção de Deborah, há o livro que considero o mais pastoril: *Letras verdes* (2002). Vale salientar que essa era a cor preferida dela. No Engenho São Francisco, costumava dizer, convivia com gente simples, do traquejo com o gado ou os jumentos, animais que ela criou. Costumava levar os animais às exposições, ganhando prêmios e convivendo com pecuaristas de todo o Brasil. Ao retirar-se do Engenho São Francisco, passou a cuidar de uma fazenda de café, bem como a criar gado leiteiro, no

município de Camocim de São Félix, nas serras do Agreste pernambucano. Ela narrou - na orelha do livro e no corpo da publicação -, em "O javali".

O sol caiu no açude
igual a um javali
eriça pelos de luz
vai às águas fundas
depois flutua em juncos

O seu dourado focinho.

As nuvens não ligam,
ficam longe, arredias,
as folhas se amoitam
em sombras infiéis.
Alguém diz:
- Está ali a presa, atira,
suja o juncal de sangue,
no amanhã escuro
dos beirais do charco

Surgirá a caça morta.

- Nunca, é só o engano
o sol não dorme
cai outra vez no açude
vai em águas fundas

e novamente flutua eriçado de luz.
(2002, p. 23)

Conforme a acadêmica e professora do curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Luzilá Gonçalves Ferreira – que liderou o grupo de trabalho "A mulher na literatura" (do qual participei como aluno bolsista do CNPq e no qual Deborah integrou a rede de sororidade) – a percepção da natureza é uma das características da escrita feminina. Conforme a acadêmica, esse olhar diferenciado faz com que as escritoras marquem o tempo e o seu avançar, por exemplo. Numa entrevista realizada por este grupo de trabalho com Deborah Brennand, ainda no Engenho São Francisco, a poetisa falou de sua imersão naquele mundo pastoril, vislumbrando o "milagre da vida, que acontecia a cada dia", como ressaltou. Uma das características femininas também apresentada por Luzilá Gonçalves Ferreira é o retirar-se ao campo, ao mar, como a sarar as feridas e cicatrizes impostas pelo cotidiano, numa busca do selvagem, da origem da

vida, em meio ao desamor. Nessa imersão no bucólico, saram as feridas do amor incompreendido e das paixões incontidas, entre outros.

6. Canto de amor

Caminhando para a conclusão deste artigo, ressalto que, entre os seus livros de poesia, o mais maduro esteticamente é o último de seus títulos, *Claro escuro* (2008). Na publicação, todos os poemas abordam a questão do amor não correspondido e também um estado de paixão perene, malgrado todo o tempo transcorrido da juventude à idade madura. Tudo marcado pelo erotismo e a exaltação de sentidos provocada pela paixão incontida e revelada ao longo de toda a obra poética, fenômeno que, por sua vez, tampouco dominamos, pois somos meramente passivos. No livro *Tantas e tantas cartas* (2003), Deborah enunciou: "Se for, a culpa é do destino". No poema "Na distância", em *Claro escuro*, lê-se:

> *logo se viu*
> *entre mil ovelhas*
> *a sombra agourenta*
> *da que era negra...*
> *Amor,*
> *qual é a tua cor?*
> *Azul como este céu*
> *ou escura*
> *como a noite*
> *em que a Vida*
> *os sonhos mortos*
> *enterra?*
> *Por que não me respondes, Eros?*
> (2008, p. 38)

Retomo o pensamento do poeta norte-americano T.S. Eliot, utilizado pelo também teórico da literatura Massaud Moisés, no seu *A criação literária – poesia* (2003), onde pontua:

> "O poeta tem alguma coisa germinando dentro de si, para o que deve encontrar palavras; mas desconhece quais vocábulos deseja até que os encontra; não consegue identificar este embrião até que o tenha transformado num arranjo de palavras certas numa ordem correta". (2003, p. 90)

Octavio Paz, por sua vez, pondera, no seu *O arco e a lira* (2012):

> Não há cores nem sons em si, desprovidos de significação: tocados pela mão do homem, eles mudam de natureza e adentram o mundo das obras. E todas as obras desembocam no significado; o que o homem toca se tinge de intencionalidade: é um ir para. O mundo do homem é o mundo do sentido. Ele tolera a ambiguidade, a condição, a loucura ou o embuste, não a carência de sentido. O próprio silêncio é povoado de signos. Assim, a disposição das edificações, bem como suas proporções, obedecem a determinada intenção (2012, p. 27).

Antes de recorrer ao pensamento de Horácio, após esta apresentação, no poema "Noites e dias", do livro *Claro escuro* (2008), vê-se a plena realização desta perda do ente amado, seguida por uma confissão ante a presença do amor por entre os versos, de tal momento de epifania, revelação. Deborah escreve:

uma renda frágil
de fio em fio d'água
o vento desfaz
e eu te vejo
sob nuvens invernais
que escurecem o céu
com uma desdourada luz
vacilando
onde tu passas
sem junto a mim chegar.

Vejo-te em toda parte

ora sorrindo
ou com lágrimas
ou voltando para responder
os chamados das saudades

Vejo-te

onde as árvores
sombreiam o infinito
sem no sétimo dia
jamais pousar.
Conheço quem te chama DEUS
Outros gritam – AMOR.

Para mim és um só em dois.
(2008, p. 54).

Recorro à obra *Arte poética* (2021, p. 65), de Horácio, crítico e teórico literário da Antiguidade: “Não é bastante que os poemas tenham beleza: se se destinam a arrebatar a audiência, devem também ter o que se pode chamar de simpatia. Do mesmo modo que a alegria se reflete em um rosto sorridente, a compaixão se reflete no que chora”.

Considero que a arte vista sobre o prisma de um passado distante ainda perdura, pois a história dos sentimentos humanos é perene, é uma só: a saudade, a paixão, o amor e o ódio nos acompanham por toda a existência, são todos inerentes à condição humana. E Horácio conclui (2021, p. 66): “Se queres me fazer chorar, chora tu mesmo primeiro; então Telefo e Peleu, os vossos infortúnios me comoverão também, ao passo que, se as vossas palavras não estiverem de acordo com os vossos sentimentos, eu dormirei ou darei gargalhadas”.

7. Conclusão

Obra imorredoura e sempre atual, a poética de Deborah Brennand nos remete à temática principal da vida humana: as questões que envolvem o amor e as paixões. Ressalte-se que, desde o pecado de Adão e Eva, decantados no livro bíblico do *Gênesis*, o erotismo está sempre envolvendo os seres humanos, até o final da existência terrena. Como os católicos prenunciam: a concupiscência acompanha os seres ao túmulo. Por isso, pode-se dizer que a obra da autora em apresentação dialoga com o universo, com a contemporaneidade. O conjunto publicado da poetisa também não é fechado em si mesmo, como foi anunciado na comunhão com o poeta norte-americano T. S. Eliot, mais precisamente quando retoma o tema do mês de abril.

Além disso, há uma exaltação das características femininas, seja na percepção dos elementos da natureza, seja na marcação do tempo – primeiro com o próprio corpo -, seja no avançar das estações. Delicada, sensível, nos apresenta os frutos, sabores e perfumes dos pomares, por exemplo, que decanta em seus poemas. Há, ainda, os poemas históricos: “Novamente” e “Engenho São Francisco”, quando aborda aspectos da história pernambucana, num registro íntimo e particular da vida privada, ambos os poemas ligados à Restauração Pernambucana. Telúrica, a obra de Deborah Brennand não pode ser esquecida. Sua atualidade nos impele à leitura, inspiração e exemplo de quem, de fato, amou, contrapondo-se à fluidez e à fugacidade do tempo atual.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BERINSON, Paula. *Para sempre azuis são os olhos de meu avô*. Rio de Janeiro: Calibán, 2010.

BRASILEIRO, Antonio. *Da inutilidade da poesia*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

BRENNAND, Deborah. *Claridade*. Recife: Bagaço, 1996.

_____. *Claro escuro*. Recife: Bagaço, 2008.

_____. *Letras verdes*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

_____. *Maçãs negras*. Recife: Bagaço, 2001.

_____. *Noites de sol ou As viagens do sonho*. Recife: [s. n.], [s. d.].

_____. *O cadeado negro*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1971.

_____. *O punhal tingido ou O livro das horas de Dona Rosa de Aragão*. Recife: [s. n.], 1965.

_____. *Pomar de sombras*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995.

_____. *Tantas e tantas cartas*. Recife: Bagaço, 2003.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2004.

CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. São Paulo: Ática, 1985.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1987. v. 16.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Deborah Brennand: confissão e deslumbramento. *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, Recife, n. 45, 2016.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 2006.

GREENBERG, Clement. *Estética doméstica*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

HORÁCIO. *Arte poética*. Porto Alegre: Autêntica; Concreta, 2021.

JAPIASSU, Ricardo. Deborah Brennand – O princípio. In: *Suplemento Cultural / Diário Oficial do Estado de Pernambuco*. Recife, 2005.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia e utopia: sobre a função social da poesia e do poeta*. São Paulo: Escrituras, 2007.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Flores da escrivaninha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia*. São Paulo: Cultrix, 2003.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SARMENTO, Lourdes (org.). *Poésie du Brésil*. Paris: Vericuetos, 1997.